



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

O CASTIGO DO CATITA

POR VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

O Catita, — o burro do tio Vicente — trotava pela estrada fora, caminho da feira, enquanto o dono seguia, a pé, a seu lado.

Aquele chouto despreocupado que lhe fazia tilintar, alegremente, o chocalho do pescoço, parecia dizer: — «Reparem que bem aparelhado eu vou, como as minhas rédeas e ferraduras são brilhantes, como o meu pêlo é lustroso e como me vai a matar o chapéu de palha que o dono me pôe em dias de festa!...»

Mas, ao chegar à subida da encosta, teve de moderar o andamento e viu junto dêle a carriola do André padeiro que um camarada seu puxava com certa dificuldade.

O Russo — era êste o nome do burro da carriola — mal avistou o amigo, logo o saudou num zurro familiar:

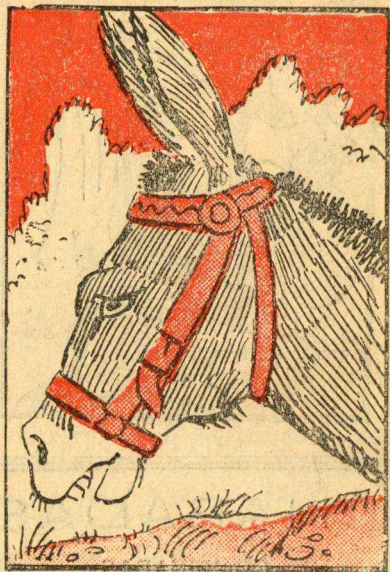
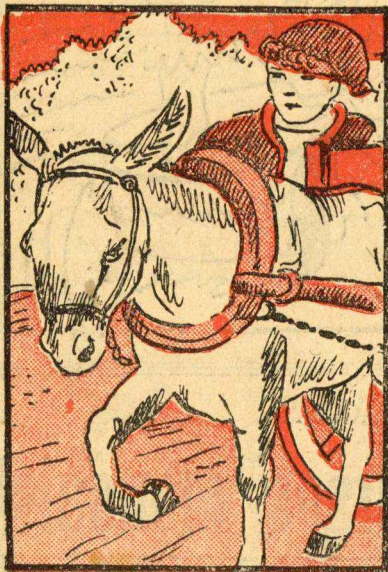
— «Viva o Catita! Como vai a saúde?» —

— «Parece-me, meu parvalhão, que não tenho ar de ir mal!» — faz de lá, com desdém, o vaidoso Catita.

Resfolegando, estafado, o Russo tornou, olhando o outro, de soslaio:

— «Na verdade, vens mais catita, que um catita!... Até trazes chapéu, tal qual o patrão! Tens sorte, amigo! O teu dono poupa-te! Eu só sirvo para as cargas e para apanhar pancada!» —

— «E' que eu sou um burro de categoria! Não me presto a êsses serviços humildantes! Andar atrelado a carros e carroças, como tu!... A mim, até o sol me cresta!...» — (e, muito dengoso, deu um pulinho sôbre um calháu da estrada).



O pobre Russo não se tève sem zurrar, cheio de inveja; mas logo a um pu-ção valente das rédeas, teve de levar a carriola para o lado.

O André padeiro, que o guiava, fazia-o desviar duma *charette* que vinha correndo, atrás dêles.

— «Arreda, burricos!» — gritava o cocheiro, um homenzarrão, fardado com uma libré verde.

Enquanto o Russo tratava de cumprir o seu dever, o Catita, recalcitrante, penetrado da sua superioridade, não se mexeu.

Na ocasião em que a *charette* passou junto dele, o cocheiro ferrou-lhe uma valente chicotada.

— «Raio de burro! Porque não recuaste, pedaço de asno!»

O Catita ainda ensaiou um zurro revoltado, mas que podia êle contra aquele magnifico cocheiro que era muito capaz de lhe ferrar uma tosa mestra?

Então, achou por bem encolher-se, cheio de vergonha.

E o que mais lhe custava era que o camarada tivesse assistido àquele vexame!

— «Vês?... — (comentou êste) — Quando não somos os mais fortes, antes vale ceder!...»

— «Ora!» — (replicou o Russo, em tom desdenhoso) — O que eu não quis foi meter-me com semelhante brutamontes, porque se tal sucedesse aquele insolente havia de ver boas e bonitas!...»

— «Não te gabes, dessa maneira, meu fanfarrão! Asseguro-te que os burricos não passarão nunca de burricos e os homens hão-de nos ser sempre superiores!»

Assim iam caturrando, enquanto subiam a encosta.

Nisto, ouviram a buzina dum automóvel.

— «É preciso termos muito cuidado! — (zurrrou o Russo, todo trémulo) — É uma máquina infernal que vai passar! Que horror me fazem!»

— «Tens medo, grande poltrão! Como se fôsse alguma coisa perigosa!... O *chauffeur*, mal nos aviste, afasta-se e pronto!...» — disse, cheio de prosá-
pia, o amigo Catita.

— «Pois fica tu, que eu tratarei de me safar!»

E deslizou para um dos lados.

O automóvel aproximou-se e, ao passar, como um furacão, deitou a terra o Catita, que por mais que o tio Vicente o puxasse, teimara em conservar-se no meio da estrada.

Com as quatro patas no ar, o chapéu todo rôto, sôbre uma orelha, o pêlo cheio de lama, o burro gemia, nuns zurrros, muito doridos.

— «Maldito animal! — (berrou o dono furioso, enquanto o ajudava a levantar-se.)

Tanto quiz que te desviasse para a direita!... Não me obedeceste! Ficaste em bonito estado! Com um joelho todo esfolado... o lombo cheio de feridas!...»

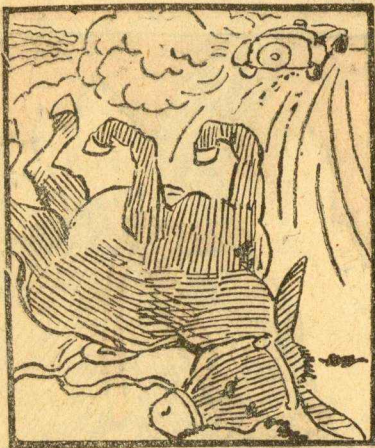
— «Agora é que estás servido!... — (zurrrou-lhe o companheiro que, muito sossegado, continuava o seu caminho.)

Mas o Catita nem sequer teve ânimo para lhe responder!

Uma hora depois foi conduzido numa carroça para a estrebaria da herdade. Durante mais dum mês que ali ficou, em tratamento, teve tempo de se arre-
pender da sua teimosia e vaidade.

Era ouvir, seu zurrar lamentoso, que assim dizia:

— «Por ser um vaidoso,
por ser um teimoso,
fui bem castigado!
Fiquei em tal estado!
Agora é que eu zurro!...
Pois vejo que um burro,
— um burro a valer, —
tem que obedecer,
fazer de criado,
amigo, obrigado,
do seu bom patrão
que lhe dá o pão!» —



CHARADAS

COMBINADAS

+ lo = Ave

+ ca = Abrigo de bicho

Conceito: Animal doméstico

+ to = Animal doméstico

+ to = Jôgo

Conceito: Ave de capoeira

+ ro = Agio

+ to = Queixo

+ ca = Abrigo de bicho

Conceito: Animal pacífico

+ ma = Leito

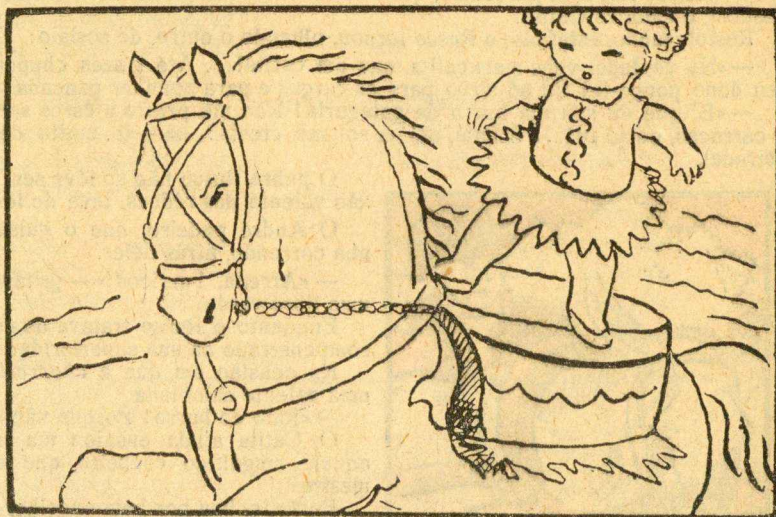
+ mo = Diabo

+ ma = Lôdo

Conceito: Animal pacífico

Galo
Galo
Hinnento
casela

PARA OS MENINOS COLORIREM



CONCURSO DOS BICHOS

Por absoluta falta de espaço, só no próximo número, começaremos a publicar os retratos dos concorrentes classificados,

LÊR NA 7.^a PÁGINA:

“Concursos mensais”

UMA LIÇÃO PROVEITOSA

Por MANUEL FERREIRA

TALVEZ os meus meninos não tivessem conhecido o Roberto, quando êle era um piegas que, por qualquer coisa, batia o pé, chorava e refilava.

Tinha dez anos e na escola primária conheciam-o pelo *chorão*.

Por tudo e por nada, lamentava a sua sorte, dizendo-se infeliz.

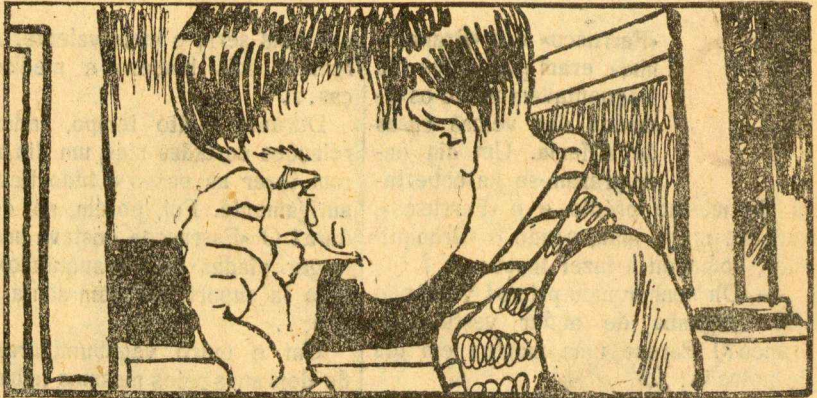
A's vezes, a mãe dizia-lhe:

— «Como está a chover, não podemos ir esta noite ao cinema...»

— «Anh! Anh! — chorava o Roberto. — Como sou desgraçado! Haverá alguém mais infeliz do que eu?!»

O pai, o senhor Ventura, resolveu fazer uma diligência para tirar êsse defeito ao filho. E, uma tarde, dirigiu-se a Roberto:

— «Vem passear comigo, Roberto.»



— «O' papá! — interrompeu o Roberto — Êsse senhor não tem olfacto?»

— «Não, — respondeu o pai — E...»

— «Não sou infeliz, — respondeu o tal amigo — E' verdade que não posso cheirar mas vejo, ouço, falo...»

Roberto ficou meditando. Então, havia pessoas com mais infelicidades do que êle e não se consideravam desgraçados?

O senhor Ventura despediu-se do amigo e encontrou outro:

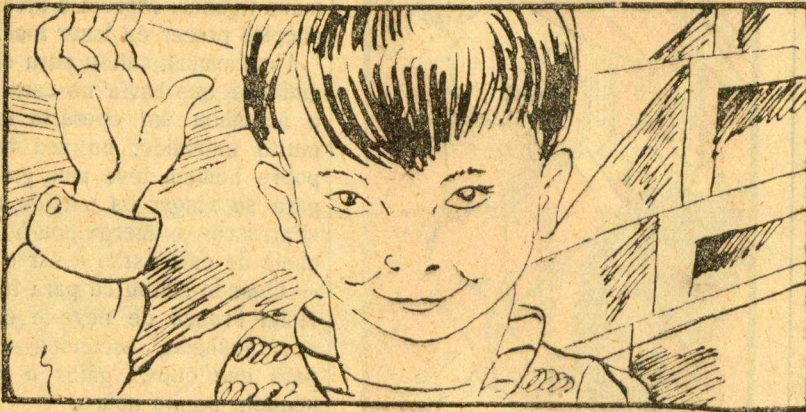
— «Viva lá, como tens passado, meu caro Dinís? Olha lá: tu estás contente com a tua sorte?»

— «Porquê? — respondeu o outro — Por não ter paladar?»

— «Sim. — observou o senhor

Ventura — Como não diferenças o gosto duma sardinha do gosto dum pudim. Não podes ligar importância às frutas, aos doces...»

(Continua na página 7)



O nosso amiguinho não se fez rogado. Perguntou, enquanto se preparava para sair:

— «Onde? Onde?»

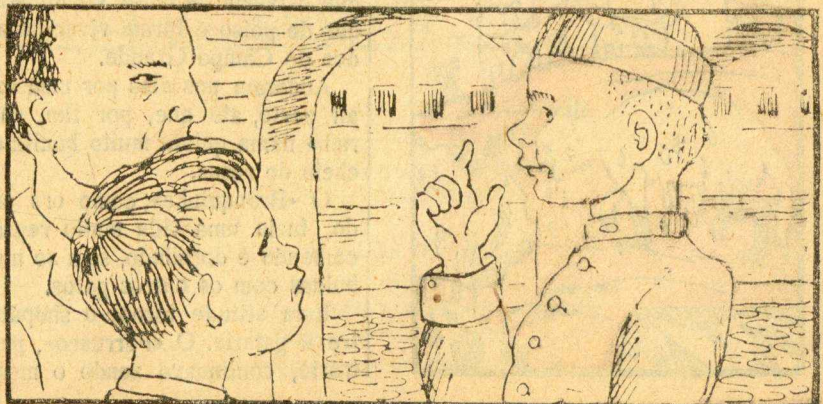
— «Depois saberás» — respondeu o pai, enigmático.

No caminho, encontraram, casualmente, um amigo. E, na conversa, o senhor Ventura perguntou ao tal sujeito:

— «Olhe lá, você é infeliz?»

— «Eu, — fez o outro, estupefacto — Porquê?»

— «Porque há de-ser? — respondeu o senhor Ventura — Você não tem olfacto. Deve ser uma tristeza não conhecer o aroma delicioso das flores e dos perfumes, não receber o suave cheiro dos campos, dos bosques...»



O FARRUSCO E O BRANQUINHO

Por MARIO COSTA PINTO

O «Farrusco» e o «Branquinho», eram dois gatos que frequentavam muito os telhados das velhas casas de Alfama. Um dia encontraram-se na cobertura do mesmo prédio e o «Farrusco», que era muito mau, vendo o «Branquinho», começou a fazer troça:

— «Oh senhor meu primo! Você não tem vergonha de andar vestido de branco?! Parece uma menina em dia de noivado...»

O gatinho não gostou nada do comentário e, enchendo-se de brio, replicou:

— «Ora, não se importe comigo e olhe para si que, com uma vestimenta dessas, mais parece um carvoeiro do que um gato...»

Não foi preciso mais para começarem à sapatada um ao outro. O «Farrusco» correu atrás do «Branquinho» e deu-lhe uma grande tarefa mesmo junto da chaminé, e o gatinho, quando pôde, desandou, por sua vez, atrás do «Farrusco» até que, ferrando-lhe a dentuça no lombo, o deixou em mísero estado.

Está claro que nunca mais se puderam vêr com bons olhos. Quando se encontravam, soltavam uns «miaus» ameaçadores mas passavam de longe pois tinham medo um do outro que se pelavam... visto não saberem qual

dos dois seria o mais valente. Até pareciam dois homens a medirem forças...

Durante muito tempo, andaram de relações cortadas mas, um dia, resolveram fazer as pazes e tudo ficou como antigamente. Foi, porém, sol de pouca dura! O «Farrusco» gostava imenso de largar piadas ao «Branquinho» e este tudo ia suportando com santa resignação...

Um e outro vagabundearam cêrca de dois anos pelos mesmos telhados, ora apanhando sol, ora apanhando chuva, ora comendo espinhas, ora passando



touvado de sempre e o mesmo gato de maus figados. Mordia e arranhava pelo simples prazer de fazer mal!

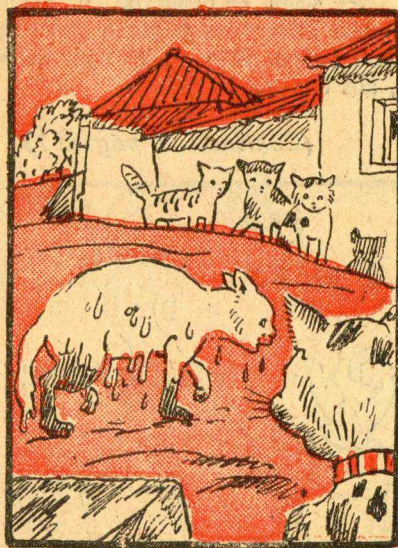
Uma manhã, saltou para cima de um andaime que havia no casal da quinta, e arranhou um operário que estava, muito entretido, no seu trabalho. O pobre homem teve uma grande dor e, para se vingar da partida, agarrou no «Farrusco» e mergulhou-o numa lata cheia de cal! Estão a vêr o resultado: — Quando saltou cá para fora, o gato, vinha branco de neve e então, muito envergonhado, escondeu-se no lagar para que outros gatos o não vissem naquele bonito apuro.

O «Branquinho», porém, deu com êle e foi, muito surrateiro, — chamar os outros gatos da quinta. Juntaram-se todos num grande grupo e rodearam o «Farrusco» que se mostrava muito descontente da vida.

Então, o «Branquinho», querendo vingar-se da piada que ouvira na Alfama, disse ao «Farrusco», de forma que todos ouvissem:

— «Oh senhor gato! Você não tem vergonha de andar vestido de branco?! Parece uma menina em dia de noivado...»

Riram-se os gatos a bandeiras despregadas e depois, com pena do «Farrusco», regaram-no com a mangueira da quinta, até êle ficar farrusco outra vez...



fome... Era uma vida bem triste a destes dois infelizes.

Fartos daquele local, num dia em que estavam de maré, combinaram mudar de poiso e foram viver para os lados do Campo Grande.

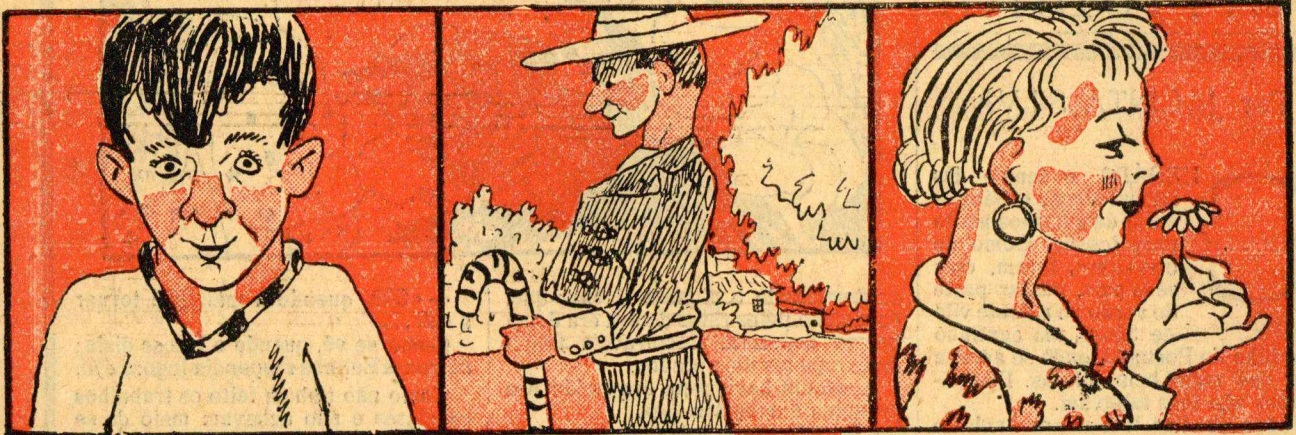
Andaram uns dias por uma azinhaga ali perto, até que, por fim, «acamparam» numa quinta muito bonita e muito cheia de rosas.

O «Branquinho», como era sossegado, fazia uma vida muito regrada; — comendo e dormindo, sem se meter em bulhas com os outros gatos.

Esta atitude tornou-o simpático entre a gataria. O «Farrusco», pelo contrário, continuava sendo o mesmo es-

COMPARAÇÃO ACERTADA

DUMA ANEDOTA PUBLICADA NO «PIM-PAM-PUM»
 POR ARGENTINITA



I — «Manel Jaquim», era um moço
 De bem rara galhardia,
 E de tão rijo arcabouço,
 Que, dêle, o povo dizia:

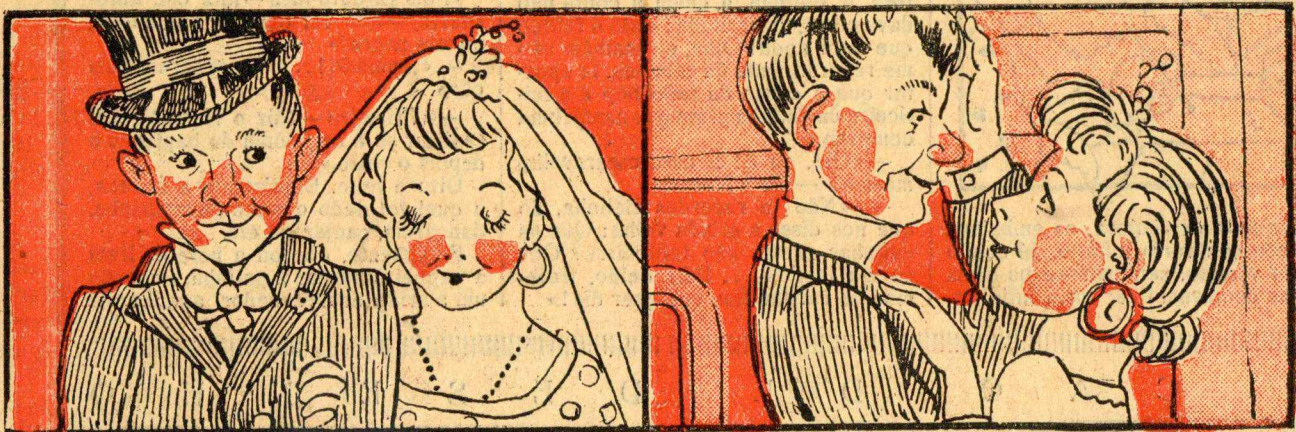
«A sua figura erecta,
 E os mús'los (que perfeição!)
 Tornam-o rival do atleta
 José Santa Camarão.»

II — Mas, muito embora êle fôsse
 Na aparência, um atleta,
 Tinha uma alma tão doce
 Como a dum Santo ou Poeta!...

Ora o «Manel», adorava,
 Uma cachopa—um encanto!—
 Que fazia andar à roda
 Até a tola dum santo...

III — Tanto sofria por ela,
 Tanto suspirava em vão,
 Que um dia, sem mais aquela,
 Resolveu pedir-lhe a mão.

Envergonhou jaleca chique,
 Pantalonas de funil,
 E o nosso heroi tic... tic...
 Partiu alegre e gentil.



IV — Satisfeito o seu pedido,
 (Expresso com ar símplório)
 Ei-lo, todo derretido,
 A combinar o casório...

No dia do himineu,
 — Dia lindo por sinal! —
 Tão belo o noivo apar'ceu,
 Tão galante e jovial,

V — Que a noiva, num riso infindo,
 Gorgeou — qual rouxinol:
 — «Ai, Manel, tu vens tam lindo
 C'até pareces um sol!»

— «Ai minha Maria Zé,
 (Diz então, êle, com fé,
 E levando a mão à tola)
 «Estás tão linda, olaré!
 «Que pareces uma sola!...»

A GALINHA FEITICEIRA

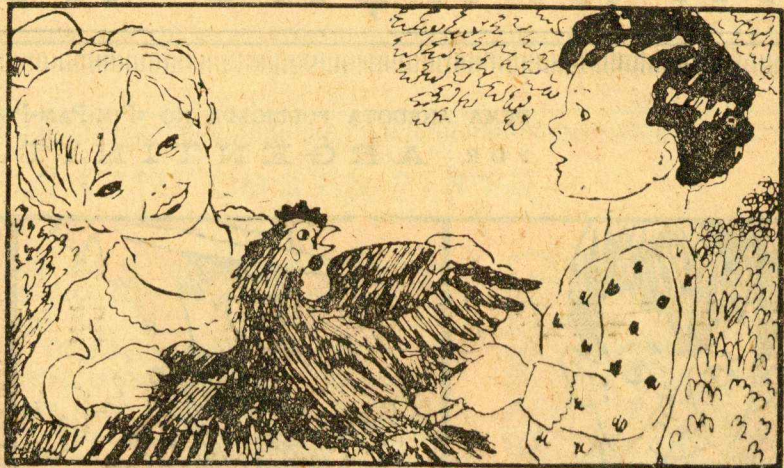
Por JACINTA SILVA

CHEGARA o tempo das férias! Necas e Bélinha eram dois irmãos muito preguiçosos. Como de costume, foram, com seus pais, passar parte do verão na ridente vila de Sines, um cantinho bem filho de Portugal, onde se admira uma das mais belas praias. Divertimentos não lhes faltavam.

Todos os dias iam tomar banho e era nessa ocasião que a sua alegria tocava o auge. Com seus fatinhos de banho, rubros, ei-los a correr para a



água que, acariciadora, os embalava com seu murmúrio infinito. Já com o pijama vestido, sentavam-se na areia e ali se deixavam ficar horas infinitas,



contemplando o gigante Oceano que, dardejado pelos raios do sol, era duma beleza sedutora. Respiravam felicidade aqueles dois irmãos.

A escola haviam-na esquecido e a preguiça aumentara-lhes.

Certo dia, seus pais viram, com pesar, que o Necas tinha feito apenas duas cópias durante as férias, e estas mesmo com uma péssima caligrafia e que sua irmã tinha as suas contas completamente erradas. Então, os pais, a-fim-de os castigar, saíram sós para a praia, deixando-os no escritório; Necas escrevendo e Bélinha fazendo contas. A certa altura exclama o Necas: «Isto é demais!...»

O Senhor aparo já me pôs três borrões na cópia! Malfadado porcalhão... Espera que eu já te arranjo!... E atirou o aparo pela janela fora. A Bélinha, a quem a conta não dava certa, diz irritada: «Isto é feitiço que aqui anda! Olha, eu também não me recordo nada da tabuada. Ia apostar que a causa de tudo isto é a feiticeira da galinha preta que a mãzinha comprou.»

— «Olá, se é! É essa escaravelha mesmo!» — diz o Necas.»

— «Não te recordas Bélinha, do que nos disse a criada velha: Que as galinhas pretas são feiticeiras? Oh! se me lembro!... Pois, então, tratemos de dar-lhe fim, qualquer dia!»

— «Sim, quando a mãzinha tornar a sair...»

Como se vê, quando o Necas dizia: vamos; a Bélinha respondia logo: e é já.

Como não tinham feito os trabalhos escolares e não achavam meio de se distrair, estavam ambos aborrecidíssimos. De repente, o Necas lembra:

— «Bélinha, vamos baptizar a tua boneca nova?» — «Vamos.» — atalhou ela.»

— «Então trata de ir chamar a Ritinha e o Zéca para padrinhos!...»

Passados dez minutos, já Bélinha vinha de volta com os dois convidados, cançados de correr.

— «Então, para que correm assim?» — pergunta-lhes o irmão.

— «Pudera!... É para evitar que a feiticeira nos veja!...»

«Pois garanto-lhes — (diz êle, autoritário) — que vai ter fim, ainda hoje, aquela negra!»

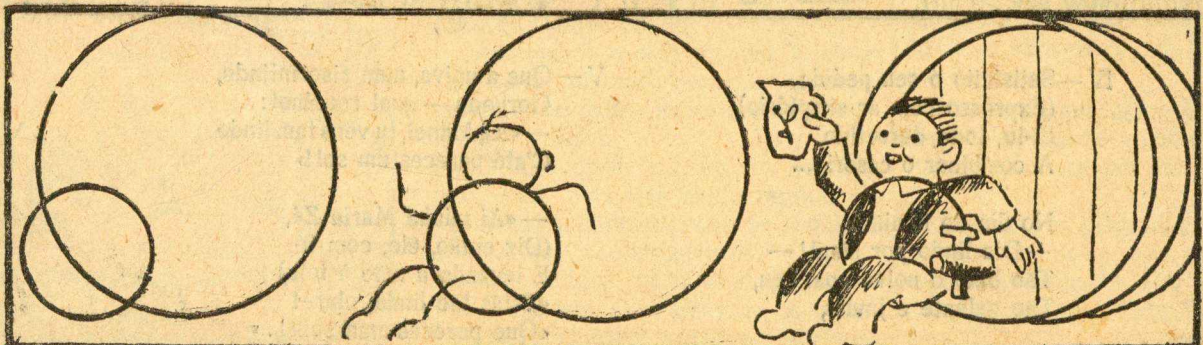
— «Apoiado!...» — gritaram em côro.

— «Primeiro — (diz o Necas) — vai realizar-se a cerimónia do baptismo e depois o resto.»

Dito e feito. Baptizaram a boneca, à qual foi dado o nome da madrinha, dançaram, cantaram, etc.

Finalmente, chegou a hora de irem à capoeira buscar a galinha. Fazendo um alarido ensurdecador, apanharam

L I C A O D E D E S E N H O



Como se aprende a desenhar um garoto com um canjirão, ao pé dum casco

UMA LIÇÃO PROVEITOSA (Continuação da página 3)

— «Pois sim, mas... — disse o senhor Dinis, rindo-se — ... já estou habituado. Há desgraças muito maiores...»

Agora Roberto e o pai dirigiam-se a casa de um sujeito, muito boa pessoa, mas surdo como uma porta...

Em certa altura, o pai do piégas, berrou:

— «Olha lá, ó Menezes! Tu não tens arrelia por seres, assim, tão surdo? E' uma fatalidade... Falarem connosco e não ouvirmos...»

O senhor Menezes sorriu-se e retorquiu:

— «De facto, é uma infelicidade. Mas vejo o que se passa, leio o jornal, falo, etc.»

O pai de Roberto dirigiu-se, depois, a casa de um seu antigo colega da escola, agora tolhido das pernas.

Falaram e o senhor Ventura perguntou-lhe se era infeliz.

— «Sim, sou relativamente infeliz. Estou tolhido, não posso andar... Mas vejo, posso falar, ouço o que me dizem. E, mesmo assim, dou graças a Deus por não sofrer maior desdita.»

Agora, entravam num Asilo de Mudos. E o senhor Ventura dirigiu-se ao filho, dizendo:

— «Vamos ver mais infelizes.»

Um internado dirigiu-se, alegremente, ao pai de Roberto que, por sinais, lhe falou:

— «Olha lá, tu és infeliz?»

— «Porquê?» — perguntou, também por sinais, o mudo.

— «Porque não falas nem ouves...»

— «Ora!» — respondeu o mudo. — Mas vejo, divirto-me, Vou passear, etc.»

Despediram-se e o rapaz, que não estava ainda convencido, observou:

— «Pois sim! Mas eles estão contentes porque vêem. Já o cego não pensa da mesma forma. Esse é que está descontente...»

Junto ao Asilo de Mudos, havia um internato de cegos. E o senhor Ventura, dirigindo-se a um deles, rapaz novo e simpático, perguntou-lhe:

— «Amigo Marcos, você deve ser muito infeliz por não ver...»

— «Sim — (respondeu o cego.) — Não vejo com os olhos do corpo mas vejo com os olhos da alma e estes dão-me a resignação.

Os trabalhos de vêrga que faço, são para mim um passatempo. Aspiro o ar puro do campo. Ouço o que me dizem. Estou a par do que vai por esse mundo porque leio o jornal, graças ao sistema de leitura que se inventou para os cegos. Pela música, aproximo-me de Deus e desprendo a alma da terra. Vou passear porque já conheço os caminhos. E tenho, agora, entre mãos, um trabalho científico.

Falta-me a luz dos olhos mas o meu espírito, talvez mesmo por isso, está lícido. Como não vejo, não disperso a atenção, concentro-me, estudo e, assim, não sou tão infeliz como pareço.»

*

* * *

Roberto, em face da resignação de tantos desgraçados, nunca mais se julgou infeliz. Mudou completamente, e hoje encara as contrariedades com franca alegria e optimismo, pois *quem quere e quem luta, a rir vence!*

CONCURSOS MENSAIS

COM o fim de estimularmos as vocações literárias de autores ignorados, com especial aptidão para a cultura do difícil género infantil, vamos dar início a uma série de concursos mensais, de poesias e contos para crianças, nos quais só poderão participar adultos de ambos os sexos, isto é dos 18 anos em diante.

No fim de cada mês, distinguiremos dois contos e duas poesias, entre tódas as produções que recebermos, e publicaremos não só estas como tódas aquelas que merecerem menção honrosa, com direito à publicação dos retratos dos seus autores. Estabeleceremos dois prémios a cada um dos géneros — (poesia ou conto) — o primeiro de 50 escudos e o segundo de 30.

o pobre animal que, cheio de medo, se debatia nas mãos dos seus inimigos.

Zéca segurava-lhe no pescôço; Bélinha e Ritinha nas pernas. Entretanto o Necas golpeava-lhe uma delas. Vendo que o pobre animal ainda não tinha sucumbido, começaram a depe-ná-lo. Depois, abrindo uma pequena cova, colocaram dentro a infeliz gali-

nha já morta. Então, todos, em volta, começaram em altos gritos, num fingido pranto, que chegava distintamente ao quarto dos pais.

Estes, tendo acabado de chegar, ficaram aflitos ao reconhecer os gritos de seus filhos. Como alucinados, correram à quinta, mas, em face do que se passava, deram tantos açoitos

O primeiro concurso começa já no próximo dia 8 e o prazo para a recepção de provas termina no dia 20 de cada mês.

Os concorrentes deverão mandar os seus trabalhos firmados com um pseudónimo ou divisa, acompanhados doutro sobrescrito lacrado, contendo o verdadeiro nome do autor e respectiva morada e endereçados à redacção do *Pim-Pam-Pum*, Rua do Século 42 — Lisboa, com a indicação: — «Concursos mensais.»





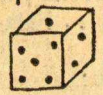


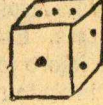


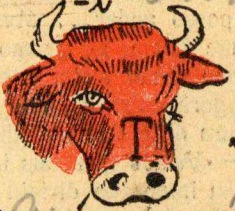

















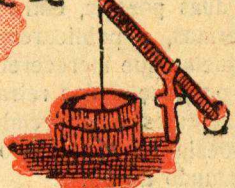





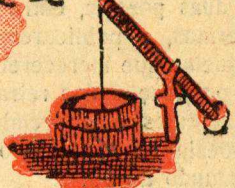
Os concorrentes premiados receberão a importância relativa ao prémio que lhes couber no fim do mês em que a sua produção vier publicada.

em Necas e Bélinha que estes agora gritavam, mas com justificada razão.

A Ritinha e Zéca, esses não tinham pernas bastantes para fugir, desaparecendo da quinta como por encanto.

Foi desde esse dia que Necas e Bélinha se tornaram bons e estudiosos meninos, não mais chamando feitiçarias às galinhas pretas.

ANEDOTA HIEROGLIFICA em VERSO

quando a prelado almoçava
 QU  a    -pis -da  al  cava,
 chegou     -mo de
 U   Recusa,
 -MAS   ?   RDADE
 VI    ...
 U    é com 
 al    ... N   
 hoje     -do  

Manuel Ferreira